

Cartas de Inábeis da Bahia (Século XX): descrição da Sintaxe das Relativas

Letters by Poor Writers from Bahia (20th Century): description of Relative Sentences Syntax

Zenaide de Oliveira Novais Carneiro*
Mariana Fagundes de Oliveira Lacerda**
Janaina de Oliveira Costa Mascarenhas***

RESUMO

Este artigo descreveu e analisou as sentenças relativas em 91 cartas pessoais, escritas entre 1906 e 2000, por sertanejos baianos semialfabetizados, editadas por Santiago (2012), que os define como *inábeis* (MARQUILHAS, 2000). Sob a orientação da Linguística Histórica Sócio-Histórica (MATTOS E SILVA, 2008) e da Sociolinguística Laboviana (LABOV, 1972), concluiu-se, após a análise dos dados levantados, que as estratégias de relativização utilizadas por esses escreventes estão próximas das variantes populares do PB (TARALLO, 1983; 1993); e, também, tendo em vista os estudos sobre aquisição de escrita, observou-se que tais processos são comuns a indivíduos adultos em fase de aquisição de escrita, como ocorre com crianças (LESSA DE OLIVEIRA, 2008).

PALAVRAS-CHAVE: Cartas pessoais. Inábeis. Linguística Histórica. Sentenças relativas.

Recebido em 7 de junho de 2021.

Aceito em 15 de fevereiro de 2022.

DOI: <https://doi.org/10.18364/rc.2022n63.520>

* Universidade Estadual de Feira de Santana, zenaide.novais@gmail.com

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0001-5990-4854>

** Universidade Estadual de Feira de Santana, marianafag@gmail.com

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0003-4335-3458>

*** Universidade Estadual de Feira de Santana, janaina.mascarenhas@yahoo.com.br

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-3657-8328>

ABSTRACT

This paper described and analysed the relative sentences in 91 personal letters written from 1906 to 2000 by semi-literate *sertanejos* from the backlands of Bahia, edited by Santiago (2012), who defines them as having *unskilled hands* (MARQUILHAS, 2000). Based on the socio-historical perspective of Historical Linguistics (MATTOS E SILVA, 2008) and the Labovian Sociolinguistics (LABOV, 1972), the analysis of the collected data concluded that the relativization strategies employed by these writers are close to popular variants of Brazilian Portuguese (TARALLO, 1983; 1993). Moreover, in view of the studies on written language acquisition, it was observed that such processes are common among adult individuals in a phase of written language acquisition, as is the case with children (LESSA DE OLIVEIRA, 2008).

KEYWORDS: Personal letters. Poor writers. Historical Linguistics. Relative sentences.

Considerações iniciais

Dentre os vários estudos que se debruçam sobre a descrição das sentenças relativas do português brasileiro (doravante PB), destaca-se o estudo precursor e sincrônico de Lemle, em 1978, e o diacrônico, de Tarallo, em 1983. A partir desses trabalhos investigativos, as estratégias de relativização passaram a ser alvo de ampla discussão no PB. Observam-se também os estudos de Kato (1993) e Kato & Nunes (2009; 2014), os quais discutem essas estratégias, com base na perspectiva de Princípios e Parâmetros, do modelo gerativista. Foram ainda consultadas as pesquisas descritivas de RIBEIRO (2009) e RIBEIRO & FIGUEIREDO (2009) e os dados de aquisição, (apresentados em CORRÊA (1998); PERRONI (2001); LESSA DE OLIVEIRA (2008).

Dentre esses, Tarallo (1983; 1993), a partir de *corpora* compostos por cartas, diários e peças teatrais, entre os séculos XVIII e XIX, concluiu que, no século XIX, a estratégia de relativização cortadora (não padrão) já havia ultrapassado quantitativamente outra estratégia não padrão, a estratégia com pronome lembrete (copiadora¹), e, assim, a cortadora passou a competir

1 Nos termos de Tarallo (1993).

com a *pied piping* (padrão), uma estratégia que só ocorre com constituintes preposicionados e não possui lacuna.

O objetivo desta pesquisa consistiu em levantar, exaustivamente, sentenças relativas (doravante SRel) de cartas pessoais baianas – *corpus* que será descrito na seção 1 – e identificar quais as estratégias mais usadas pelos remetentes envolvidos; se estariam mais próximas às variantes populares do PB (TARALLO, 1983; 1993), ou se tais estratégias apontariam para processos comuns de indivíduos adultos em fase de aquisição de escrita, com construções próximas às encontradas em estudos sobre aquisição, a exemplo do que ocorre com crianças (LESSA DE OLIVEIRA, 2008), ou, ainda, se se identificam ambas as situações.

Assim, a partir da descrição dos dados obtidos de *corpus* específico, este estudo pretende responder a questões referentes ao PB popular e à aquisição de relativas:

- i. Quais tipos de SRel e marcadores relativos são atestados no *corpus*?
- ii. Quais estratégias de relativização são realizadas pelos escreventes inábeis?
- iii. A maneira como se comporta as relativas cortadoras e de pronome lembrete, no *corpus*, evidencia uma mudança linguística do PB contemporâneo, tendo em vista a preferência pelo uso das cortadoras? (Cf. TARALLO, 1983, 1993).
- iv. Como se dá a relativização, no *corpus*, em relação às estratégias e às funções sintáticas do constituinte relativizado?
- v. No que se refere à formação das SRel, de que forma analisar esses dados em relação às restrições universais (KEENAN & COMRIE, 1977)?
- vi. Os inábeis realizaram as mesmas estratégias de relativização de uma criança que está em fase de aquisição de relativas (LESSA DE OLIVEIRA, 2008)?
- vii. Sendo o processo de aquisição de escrita dos inábeis igual ao de uma criança na mesma fase, é possível justificar a realização maior de algumas relativas por meio do *input*, como fez Lessa de Oliveira (2008), em seu estudo com dados de relativas de crianças?

viii. Como os inábeis não tiveram acesso à escolarização prolongada, esse fator influenciaria na não realização da estratégia de relativização *pied piping* (CORRÊA, 1998)?

A fim de responder às questões aqui postas, o presente texto está organizado desse modo: na seção 1, apresenta-se o *corpus*. Na seção 2, apresentam-se os princípios teórico-metodológicos. Na seção 3, apresentam-se os tipos de relativas. Na seção 4, apresentam-se as relativas a partir das restrições universais. Na seção 5, apresenta-se a descrição dos dados das cartas de inábeis selecionadas como *corpus*. Na seção 6, faz-se um estudo comparativo, confrontando alguns estudos antecedentes, no âmbito da sintaxe do PB popular e da aquisição de relativas. São apresentadas algumas conclusões nas Considerações finais.

1 O *corpus*

Este artigo caminhou no sentido de tentar contribuir para os estudos sobre as SRel, a partir de dados inéditos, os quais foram extraídos de um *corpus* especial. Trata-se de 91 cartas pessoais, escritas entre 1906 e 2000, por 43 sertanejos baianos semi-alfabetizados (23 mulheres e 20 homens), naturais e residentes nas regiões de Riachão de Jacuípe, Conceição do Coité e Ichu, localizadas na macro-área da região da bacia do Jacuípe e unidos pela cultura do sisal. Essa documentação foi editada por Santiago (2012), a qual define esses indivíduos como inábeis, segundo proposta de Marquilhas (2000, p. 235), isto é, “escreventes adultos estacionados em fase incipiente de aquisição da escrita”. Essas cartas estão disponibilizadas no site do *Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão* (CE-DOHS) – www.uefs.br/cedohs –, do Núcleo de Estudos de Língua Portuguesa (NELP) – <https://nelpuefs.wordpress.com/> –, da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).

As cartas pessoais que compõem o referido *corpus* foram trocadas entre familiares, compadres, namorados e amigos e enviadas com o

propósito de expressar saudades, obter notícias familiares e fazer pedidos. São textos próximos de uma escrita cotidiana, de caráter afetivo, em que há um significativo grau de intimidade entre os remetentes e os destinatários. Compartilhando um contexto sociocultural semelhante, os remetentes são lavradores, trabalham com a agricultura e a criação de animais; possuem baixas condições financeiras e pouca escolarização.

Santiago (2012) organizou, também, o perfil biográfico de cada remetente, por meio de entrevistas com os destinatários, os remetentes e seus familiares. Além disso, foram feitas consultas a documentos pessoais, a fim de adquirir o maior número de informações relevantes, muitas dessas já contidas nas cartas. Após o levantamento de tais informações, essas foram catalogadas em fichas. O maior número de cartas é do remetente Antônio Fortunado da Silva (AFS), nas quais se verificou o maior número de SRel, 46 ocorrências. As SRel aparecem ao longo do século XX, com predominância nas décadas 50, 60 e 70, mas, de modo geral, em todas as décadas, as características das cartas são homogêneas e representativas da variedade do PB popular do início ao fim do século XX, conforme afirmou Santiago (2012).

2 Princípios teórico-metodológicos

Tendo em vista essas características do *corpus*, bem como a importância de trabalhar com dados do passado, para entrever o presente, este trabalho segue a orientação da Linguística Histórica numa perspectiva sócio-histórica, em que se consideram os fatores extralinguísticos ou sociais e os intralinguísticos (MATTOS e SILVA, 2008a, p. 10). Apoia-se também nos pressupostos da teoria Sociolinguística variacionista (WEINREICH, LABOV & HERZOG², 1968), tendo em consideração o que é defendido por Labov (1972), para quem a mudança deve ser explicada não somente por argumentos internos ao sistema, mas também pelos externos. Ou seja, o

2 (doravante WLH).

social é concebido como um contexto importante na constituição linguística, de modo que a língua é vista como um conjunto de regras mutáveis que possui uma estrutura ordenada na comunidade de fala e as relações sociolinguísticas são fatores condicionantes.

A diferença aqui se faz tendo em vista que se buscou estudar os aspectos linguísticos e sociais voltados ao passado e com base em um *corpus* escrito. Nesse sentido, cabem bem as respectivas metáforas de Roger Lass (1997, p. 45) e de William Labov (1982, p. 20) sobre “o tipo de dados de que dispõem os que trabalham no campo da linguística histórica”: “hearing the inaudible” e “the art of making the best use of bad data”, as quais foram traduzidas por Mattos e Silva (2008a, p. 7) assim: “ouvir o inaudível” e “a arte de fazer o melhor uso de maus dados”.

As cartas são datadas, localizadas e com os remetentes identificados com todos os aspectos sociolinguísticos, com um perfil completo, com um levantamento também exaustivo de aspectos socioculturais (SANTIAGO, 2012). Nesse sentido, este artigo busca contribuir com as pesquisas voltadas ao campo gramatical do Projeto Nacional para a História do Português Brasileiro (PHPB), do qual o NELP UEFS é parceiro, com um estudo das relativas, em que os dados são metodologicamente tratados pela Teoria da Variação e Mudança Linguística Laboviana (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 2006).

3 Tipos de relativas

No processo de formação de uma relativa, tem-se um núcleo nominal, o qual é transformado por uma sentença. Ou seja, trata-se de uma sentença composta por subordinação, a qual é capaz de modificar um sintagma nominal ou um nome na sentença matriz em que está inserida, como se observa no exemplo (2). Assim, percebe-se que o sintagma de determinante (DP, do inglês *determiner phrase*), o qual é sujeito da sentença, é formado por um determinante (*O*) de um núcleo nominal (*computador*) e de uma sentença que

modifica o núcleo nominal (*que eu comprei*__); essa sentença é introduzida por um relativizador (*que*), usando, aqui, os termos de Ribeiro (2009, p. 187).

(1) [[O computador]_{DP1}][*que eu comprei*__]_{SRel}]_{DP2}
(Adaptado de RIBEIRO, 2009, p. 187)

Observa-se também que, no exemplo (1), a lacuna presente na SRel consiste na não realização do objeto do verbo *comprar*, o que caracteriza esse tipo de sentença como *relativa com lacuna* ou *relativa padrão*.

Neste trabalho, as SRel localizadas no *corpus* aqui estudado foram referidas quanto aos tipos (relativas restritiva, apositivas, livres), às funções sintáticas dos marcadores relativos (Sujeito – SU, Objeto direto – OD, Objeto indireto – OI e de Adjunto adverbial - ADJ) e às estratégias de relativização (lacuna, com pronome lembrete, cortadora e *pied piping*).

3.1 Relativas restritivas e apositivas

Denomina-se oração relativa restritiva ou apositiva quando o antecedente está explícito na própria SRel, por isso é caracterizada de relativa com cabeça, conforme o exemplo (2), em que o DP *a senhora* possui valor restritivo, uma vez que a SRel restringe a classe de senhora que ficou feliz, bem como limita o significado do antecedente.

(2) Ficou feliz a senhora [_{SRel} **que** o padre deu a benção].

A relativa apositiva é separada do núcleo nominal e marcada, na escrita, por vírgula. Na sentença (3), o núcleo nominal *Angélica* já é conhecido, logo a relativa apositiva “apresenta informação adicional sobre o núcleo nominal” (RIBEIRO & FIGUEIREDO, 2009, p. 212).

(3) Ficou feliz Angélica, [_{SRel} **que** o padre deu a benção].

Apesar de o uso da vírgula diferenciar a relativa restritiva da apositiva na escrita sintática, é importante analisar a semântica da

sentença também, sobretudo quando se tem um *corpus* escrito que apresenta inabilidade no uso da pontuação (SANTIAGO, 2012). Para caracterizar as relativas deste artigo, uma vez que se trabalha com *corpus de mãos inábeis*, foi observada a extensão dos termos, e, caso estivesse definida, seria impossível haver restrição na sentença, logo a sentença era classificada em relativa apositiva.³

No *corpus*, foram atestadas 186 relativas, sendo 57 relativas restritivas e 46 apositivas, somando-se ambas, contabilizam-se 103 ocorrências do total de dados do *corpus*, conforme são mostradas na Tabela 1⁴.

Tabela 1 – Sentenças relativas restritivas e apositivas

| Tipos de sentenças relativas | Nº |
|------------------------------|-----|
| Restritivas | 57 |
| Apositivas | 46 |
| Total | 103 |

Alguns exemplos de relativas restritivas e apositivas são apresentados em (4) e em (5), respectivamente:

(4)

- a. mando salber da nouticia di meu 2 filho sim A menina [**que** ficou doenti] eu quero salber da notisa di loudo da qui lenbança. (AFS-2)
- b. Salber di tudo dar qui Sin u sinhor recebeu a importansa [**que** eu mandei] pur metodi Deis mil corzeiro. (AFS-4)
- c. As horas [**que** passo Sozinha] desejo esta ao Seu lado. Mas como não é Possivel realizar meus Sonhos resolvi redijir-lhe algumas linhas (AHC-57)

3 Macedo (1991) analisa algumas circunstâncias que são típicas de relativas apositivas, ou seja, quando a relativa estiver após substantivos próprios, pronomes de primeira e de segunda pessoa, substantivos antepostos a pronome demonstrativos e as que têm predicativo do sujeito. Para mais informações sobre semântica de relativa apositiva, cf. MACEDO (1991).

4 As 83 ocorrências restantes foram de relativas livres, as quais serão apresentadas na seção 2.2.

(5)

a. Sim compadi nada mais Du seu p Depezado [**que** er o ur Amigor Antonio Fortunato da Silva]. (AFS-6)

b. mãe receba esta <↑tão> grandi lembrança do ceu filho Antonio [**que** feis esti bilheti] com uma magua nu peito com vontadi di ir embora i nada mais. (ACO-44)

c. [...] razão *que* apois eu | conheico as minhas mal occa[.] **que** | eu tinha feito com vosmece [?] | [...] ((sem local) Domingo 19 de Marco de 1906, JMS-66)

Após o levantamento dos dados, foram encontrados casos de relativas restritivas de OD, com dequeísmo. Isto é, a inserção da preposição *de*, acompanhada do marcador relativo *que*, de maneira incoerente, tratando-se, pois, de uma hipercorreção feita pelo escrevente, o que é comumente encontrado no português e no espanhol (cf. MOLLICA, 1995 e MORAES DE CASTILHO, 2006). Esse fenômeno pode ser observado no exemplo (6):

(6) [estou bem satisfeita com os incombodo [**de que** deus tem mi dado] comadre. (JMS-67)

No que se refere ao encadeamento de relativas, Ribeiro & Figueiredo (2009, p. 213) apresentaram relativas encadeadas das atas de africanos, cuja ordem de realização é observada tanto no PB, quanto nas línguas em geral. Em (7), a primeira é relativa restritiva e a segunda é relativa apositiva:

(7) e tratemos a Rever o debito [*que Se devia a Caza*] [*ó qual mandou o Vis Provedor Cartiar-sé aos ditos*] para Virem Remirem na primeira Reunião (José Fernandes do Ó em 05 de junho de 1836).

(RIBEIRO & FIGUEIREDO, 2009, p. 213)

No *corpus* em estudo, também foram observadas algumas relativas encaixadas, sendo que não houve nenhum caso entre relativas apositivas. Cooper (1983) discute que, quando há encaixamento entre apositivas, esse

só acontece entre duas, no máximo; já com as restritivas pode haver entre várias. Quanto à ordem das relativas apositivas encaixadas, Cooper (1983) afirma, também, que toda apositiva virá após uma restritiva. Observa-se, em (8), que há um encaixamento entre uma restritiva e uma apositiva num mesmo período.

(8) esto enpais graca a u bom Jeus e vor lhi dizer que as galinha que eu tem aí e [a que **q** <↑?> foi de brenadete] [**que** esta com us Pintos] e a otra e uma preta e um frangro branco é iu [,i uma a elhe foi uma pequena e você pitanga tomi comta de minhas galinhas i minha. (MC-37)

3.2 Relativas livres

Dá-se o nome de relativa livre ou *relativa sem cabeça* a toda SRel que possui o antecedente implícito. Ou seja, trata-se de uma relativa que não tem nem pode ter um núcleo nominal antecedente (MARCHESAN, 2012). Além disso, sempre é introduzida por um pronome relativo *e*, de modo algum, por um complementador nulo e por um relativizador do tipo *that* do inglês ou *que* do francês (RIBEIRO, 2009, p. 189). Observam-se exemplos de relativas livres em (9a) e (10a), bem como uma reestruturação desses em (9b) e (10b). Trata-se de uma paráfrase das relativas livres por DPs ou PPs (Cf. CAPONIGRO (2003) e MARCHESAN (2012)) a fim de explicitar o SN que aparece nulo nas relativas livres.

- (9)
a. Ficou feliz [**quem** o padre deu a benção].
b. Ficou feliz a pessoa [**que** o padre deu a benção].

- (10)
a. [**O que** vendi] foi este anel.
b. O objeto [**que** vendi] foi este anel.

Do total de relativas do *corpus*, as livres perfizeram 82 ocorrências, conforme apresentado na Tabela 2.

Tabela 2 – Sentenças relativas livres

| Tipos de sentenças relativas | Nº |
|------------------------------|----|
| Livres | 82 |

Os exemplos a seguir são de relativas livres, sendo que, em (11a), a função é de SU; em (11b), OD; em (11c), OI; e, em (11d), ADJ.

(11)

- a. Compadre diga a João nasimento que brazilha e iluzão i so vem [**quem** não sabe] dei muita. (GOR-29)
- b. eu s sol mando vinti mil curzeiro porqui não porso mandar mais u senhor paqi a Carias i u reto farsa [**u que** u simhor quizer] i compadi min esqueva. (AFS-6)
- c. so mi aquexo da minha poça sorti não mi aquexo di ninguem porem [**a quem** deus prometi vinte] não dar dirreis entritanto estou bem. (JMS-67)
- d. nesta firma Aqui ni São paulo er marhor firmar di são paulo er [**Aondi** farzi toudas marquina ir loudo carro]. (AFS-12)

No *corpus* em estudo, os inábeis não realizaram relativas com todos os tipos de marcadores relativos; houve um predomínio do “que”, e não ocorreu nenhum caso com “qual” e “cujo”. Como os dados são provenientes de pessoas com baixa escolarização, talvez esse fator tenha contribuído para o não aparecimento, uma vez que se trata de marcadores usados, comumente, em ambientes de pessoas com alta escolarização.

4 Relativas: restrições universais

Após minuciosa análise dos processos de relativização nas línguas, Keenan & Comrie (1977; 1979) observam que a variação é sistemática em relação à função sintática do elemento relativizado na oração relativa, obedecendo a uma hierarquia, a Hierarquia da Acessibilidade/*Accessibility Hierarchy* (doravante HA), demonstrada, a seguir, com base em uma amostra de, aproximadamente, 50 línguas:

(i) Hierarquia da Acessibilidade (Accessibility Hierarchy)
SU (sujeito) > OD (objeto direto) > OI (Objeto indireto) > OBL (Oblíquo)
> GEN (genitivo) > Objeto de Comparação
(KEENAN & COMRIE, 1977, p. 66)

Assim, de acordo com Keenan & Comrie (1977), se uma língua relativiza a posição mais baixa da hierarquia – *objeto de comparação*⁵ –, relativiza qualquer posição anterior, tendo em vista que, sob condições normais, os pontos da HA são intransponíveis⁶. Logo, considera-se importante investigar se os dados de inábeis possuem esse mesmo comportamento ou se difere da HA quanto ao processo de relativização, lembrando que os autores não consideraram a função de adjunto das relativas restritivas e apositivas na HA e isentaram as relativas livres da análise da HA.

5 Dados das cartas de Sisal (BA)

A descrição dos dados das cartas de inábeis, no presente estudo, refere-se às funções sintáticas do marcador relativo a partir das restrições universais de Keenan & Comrie (1977), às estratégias de relativização, bem como aos marcadores relativos identificados nas relativas restritivas, apositivas e livres.

5.1 Função sintática do marcador relativo

Com base nas restrições universais de Keenan & Comrie (1977), os dados das cartas ratificaram a proposta dos autores: a função sintática de

5 O *objeto de comparação* é uma posição menos relativizada se comparada a de SU na HA. Assim, Keenan e Comrie (1977, p. 66) exemplificam esse objeto por meio da seguinte relativa: “*The man who Mary is taller than*”.

6 Alguns estudiosos criticaram a HA, ao entender que não são apenas os critérios morfossintáticos que influenciam a relativização, mas também os traços semânticos e pragmáticos, os quais não estão representados na HA (cf. GIVÓN, 1990 e DIK, 1997).

SU é a posição sintática mais relativizada⁷, seguida da posição de OD, como em (12):

(12) SU (71,2%) > OD (28,7%) > OI (0%) > OBL (0%) > GEN (0%)

Percebe-se, então, que, a partir da HA, 71,2% das construções são de SU, enquanto 28,7% são de OD, exemplificados em (13a) e (13b), respectivamente. No *corpus*, não foi encontrado nenhum tipo de relativa restritiva e apositiva nas posições mais baixas da HA de Keenan & Comrie (1977).

(13)

a. i aceiti as minha lenbraca 1 abraco i muita saudadi desta di minuta amiga [**qui** muito li estima] com todo o meu coração. (FPS-78)

b. e voce comdri ana var midescu[.] nado os ero [**que** tem] e resebra Lenbran que e a sua irman Mariazinha Carneiro de Oliveira. (MC-50)

Nas relativas livres, foi encontrada uma relativa na posição sintática mais baixa, cuja função sintática é de OI, como em (14), a saber:

(14) so mi aquexo da minha poça sorti não mi aquexo di ninguem porem [**a quem** deus prometi vintei] não dar dirreis entritanto estou bem. (JMS-67)

Na Tabela 3, a seguir, onde estão apresentados os tipos de marcadores relativos e a sua função sintática, foram inseridos os de todas as SRel (restritivas, apositivas e livres).

7 Para essa análise, não se considerou os dados das relativas restritivas com função de ADJ, nem os de nenhuma relativa livre, tendo em vista que, para este estudo, se propôs a fazer do modo em que Keenan & Comrie (1977) fizeram na HA.

Tabela 3 – Tipo marcador relativo *versus* função sintática do marcador relativo

| Tipos de marcador relativo | Função sintática do marcador relativo ⁸ | | | | |
|----------------------------|--|-----------|-----------|-----------|------------|
| | SU | OD | OI | ADJ | TOTAL |
| Quem | 09 | – | – | – | 09 |
| P+Quem | 05 | – | – | – | 05 |
| Que | 67 | 27 | 01 | 01 | 96 |
| P+Que | – | – | – | 07 | 07 |
| O Que | – | 04 | – | – | 04 |
| Quanto ⁹ | – | 03 | – | – | 03 |
| Onde | – | – | – | 01 | 01 |
| Como | – | – | – | 16 | 16 |
| Quando | – | – | – | 44 | 44 |
| Total | 81 | 34 | 01 | 69 | 185 |

A partir dos dados da Tabela 3 e não da HA, já que a HA não considera as ADJ, pode-se inferir que a função de SU possui a maior ocorrência, com 81 dados, seguida da de ADJ, com 69. Houve 34 casos de OD e apenas 01 caso de OI. Lembrando que todas as relativas foram contabilizadas nessa tabela. Dentre os casos com função de ADJ, puderam-se observar relativas com marcador relativo *quanto*, *quando*, *onde* e *como*, sendo que esses dois últimos só ocorreram em relativas livres.

8 Como não houve nenhum caso de marcador relativo com a função sintática de oblíquo e genitivo, optou-se em não mencionar essas funções na tabela.

9 Contabilizou-se o marcador relativo **quanto** junto aos de função de OD, pois, como se trata de uma RL, este equivale a um DP e, portanto, desempenha função “prototípica de DP”, ou seja, refere-se a um complemento do verbo (cf. MARCHESAN, 2012, p. 29). Parafraseando a sentença relativa (i), em (ii), cujo marcador relativo **quanto** está inserido, tem-se essa função “prototípica de DP”, a qual é complemento do verbo à esquerda: *compadi mndi min dizer [contor eu firquei lir devenno] par eu puder lir pargar nada mas du céu.* (AFS-12) *compadi mndi min dizer a quantia [que eu firquei lir devenno] par eu puder lir pargar nada mas du céu.* (AFS-12)

5.2 Estratégias de relativização

Tarallo (1983, 1993) afirmou, com base na HA, que as relativas com lacuna ocorrem em posições mais altas, as de SU e de OD; já a cortadora e a *pied piping* ocorrem em posições mais baixas, as de OI, OBL e GEN. Com relação aos dados de inábeis, as relativas com lacuna corroboraram o que Tarallo (1983, 1993) postulou. Quanto à estratégia cortadora ou padrão (*pied piping*), os escreventes de inábeis só produziram em SRel restritivas com função de ADJ e em SRel livre; por conta disso, não foi possível saber a preferência dos escreventes de inábeis, no que se refere às posições baixas da HA, uma vez que os escreventes não realizaram os mesmos dados de relativas restritivas e apositivas analisados por Keenan & Comrie (1977), na HA.

Os dados analisados foram poucos, e, dentre as estratégias de relativização, houve 04 casos de estratégias cortadoras e 01 de *pied piping*, em relativas restritivas de ADJ; já em relativa livre, houve 01 de cortadora e 01 de *pied piping*, ambos com função de OI, como apresentado na Tabela 4:

Tabela 4 – Estratégias de relativização: cortadora e *pied piping* nas SRel

| SRel | Estratégias de relativização | Nº |
|-------------------|------------------------------|----|
| Restritivas (ADJ) | Cortadora | 06 |
| Restritiva (ADJ) | <i>Pied piping</i> | 01 |
| Livre(OI) | <i>Pied piping</i> | 01 |
| | Total | 08 |

Na Tabela 4, observa-se que não foi contabilizado nenhum caso de estratégia de relativização com pronome lembrete no *corpus* de *inábeis*; esse dado só aproxima ainda mais este estudo do estudo de Tarallo (1983, 1993), o qual foi o primeiro a evidenciar o crescimento de estratégia cortadora em relação à estratégia com pronome lembrete. Observam-se, a seguir, exemplos de SRel restritiva de ADJ com estratégias cortadora, em (15a/b/c/d), *pied piping*, em (16); além de um exemplo de relativa livre com *pied piping*, em (17).

(15)

a. Sim compadi condo u senhor min esquever eu tenho esti indereço Bom da firma [Ø **que** eu tarbalho] Rua Camacan n° 2/0 Vila. Anastacio São Paulo So funji. (AFS-13)

b. comadre eu hojim digo quem quizer Si cazar si cazi que eu não quero mas já tevi vontadi [?]hoji não tenho *mais* vou viver da milho<□r> forma [Ø **que** deus me a judar] *que* quem não cazar tambem vivi. (JMS-67)

c. espero que ao resseber destas esteje com saude. Comadre e Compadre emvio as minhas trestenutisia por imfilisidade da minha vida me acho na trite separação. fis o pusive para viver [.]jonto ate o dia [Ø **que** Deus vimhese buscar eu ou ele]. mas foi nada. (MDC-84)

d. deixa falta Nada para mi eu tombem esto trabalhado com m iranda Nudia [Ø **que** Não esta chuvedo] Nois vai atrab- alha. (VAN-86)

(16) querida didinha Neis no momento [**em que** escrevo] quero lhi dizer que ficamos bem graças a Deus. (LM-75)

(17) so mi aquexo da minha poça sorti não mi aquexo di ninguem porem [**a quem** deus prometi vinte] não dar dirreis entritanto estou bem. (JMS-67)

5.3 Marcadores relativos

No *corpus* em estudo, a soma do marcador relativo *que* bem como (*p + que*) resulta em 102 ocorrências em relativas restritivas e apositivas, sendo que não foi observado nenhum caso em relativa livre, episódio bastante comum no PB e nas línguas em geral. Já a soma do marcador relativo *quem* mais (*p+ quem*) foi de 14 marcações, sendo todas realizadas em relativas livres, 04 com o marcador *o que*, 03 com o *quanto*; *onde* teve 01, *como* 17, e o *quando* 44, sendo 43 casos em relativas livres e 01 em restritiva (cf. Tabela 5):

Tabela 5 – Tipo de sentença relativa *versus* tipo de marcador relativo

| Tipos de marcador relativo | Tipos de sentença relativa | | | |
|----------------------------|----------------------------|-----------|-------|-------|
| | Restritiva | Apositiva | Livre | Total |
| Quem | – | – | 09 | 09 |
| P+Quem ¹⁰ | – | – | 05 | 05 |
| Que | 49 | 46 | – | 95 |
| P+Que | 07 | – | – | 07 |
| O Que | – | – | 04 | 04 |
| Quanto | – | – | 03 | 03 |
| Onde | – | – | 01 | 01 |
| Como | – | – | 17 | 17 |
| Quando | 01 ¹¹ | – | 43 | 44 |
| Total | 57 | 46 | 82 | 185 |

Em (18), são apresentados exemplos de alguns marcadores relativos (*o que, quando, quanto, onde, quem, que e como*) construídos nas SRel:

(18)

- a. nóz e di viver touda nossa vida tendo amizadi com fe endeus pur que si e uma das pescoas [**que** eu estimo] a Sinhora e uma dellas. (JMS-66)
- b. [**Quem** ama] nunca esquece. (AHC-55)

10 Apenas numa sentença o escrevente ocultou a preposição “para” e usou o marcador relativo “que” ao invés de “quem”, contrariando a tradição gramatical. Por isso, contabilizou-se esse marcador no segmento (p + quem), e não no (p + que).

11 Houve um caso de sentença relativa restritiva, a qual possui função de adjunto e tem como marcador relativo “quando”, este equivale a “em que”. Segundo Marchesan (2012), quando os marcadores relativos dos tipos quando, como e onde estão adjacentes a um núcleo nominal, a relativa não é livre, mas, sim, relativa com núcleo, ou seja, relativa restritiva ou apositiva, por isso também há dificuldade em classificar quanto ao tipo de relativa que a sentença se refere. Segue, abaixo, o exemplo extraído do *corpus* em estudo, o qual possui, como núcleo adjacente à relativa, os termos “esta dauta” :

i. para mim| serar os maior prazerris que eu averas| di ter que eu com os meus estamos| com saudi a tê esta dauta [**quando**] fiz esta] (JMS-66).

c. eu s sol mando vinti mil curzeiro porqui não porso mandar mais u
sinhor paqi a Carias i u reto farsa [**u que** u sinhor quizer] i compadi
min esqueva. (AFS-6)

d. compadi mndi min dizer [**contor** eu firquei lir devenno] par eu puder lir
pargar nada mas du céu. (AFS-12)

e. nesta firma Aquí ni São paulo er marhor firmar di são paulo er [**Aondi**
farzi toudas marquina ir loudo carro]. (AFS-12)

f. Amigos Compadi. pitanga es estas duas linha solmenti par li dar a
mihás nouticia eu v [**commo** D Deus quizer]. (AFS-23)

g. eu não mando Dinhei purquei estou com merdo di manda mais pordi
perga ir farzer ir mandí min Dizer [**condo** tiver feita] eu vou embora.
(AFS-11)

Segundo Marchesan (2012), nas relativas livres, os marcadores relativos possuem traços semânticos de um núcleo nominal, são parafraseados por DPs quando tiverem natureza nominal (**quem**: a pessoa que; **o que**: a coisa que; **quanto**: a quantia que) e por PPs quando tiverem a natureza oblíqua (**onde**: no lugar em que; **como**: do modo que; **quando**: no momento em que, ou seja, retoma um intervalo de tempo). Já marcadores relativos **que**, **qual** e **cujo** só introduzem relativas com núcleo, pois não incorporam traço semântico de um núcleo nominal, uma vez que “são semanticamente subespecificados” (MARCHESAN, 2012, p. 24).

No *corpus* em estudo, os inábeis não realizaram relativas com todos os tipos de marcadores relativos; houve um predomínio do “que” e não ocorreu nenhum caso com “qual” e “cujo”, sendo esses comuns em escritas cultas. Como o perfil dos escreventes se enquadra no de baixa escolarização, julga-se que esse fator foi predominante no não aparecimento de tais marcadores.

6 Análise comparativa

Esta análise foi realizada a partir de estudos antecedentes sobre as estratégias de relativização, cujos *corpora* possuem alguma característica

comum às do *corpus* em estudo. A análise contrastiva foi realizada, primeiro, com dados orais de analfabetos e/ou semialfabetizados (RIBEIRO, 2009), tendo em vista que os inábeis possuem uma escrita próxima da oralidade. Segundo, com atas de inábeis do século XIX (RIBEIRO & FIGUEIREDO, 2009), tendo em vista observar como está a curva das relativas, já que esse *corpus* pertence a um século anterior ao do de inábeis. E, terceiro, com dados de crianças e adultos, no âmbito da aquisição de relativas, uma vez que os inábeis estão estacionados numa fase de aquisição da linguagem. Então, buscou-se saber se, no *corpus* de inábeis, há mais pontos convergentes ou divergentes com relação a esses estudos anteriores.

6.1 Dados das cartas de inábeis x dados orais de comunidades afro-brasileiras

Ribeiro (2009) apresenta uma análise da sintaxe das relativas em comunidades afro-brasileiras isoladas e tem como objetivo fazer uma comparação entre estudos sobre a aquisição de L1 em fala do PE e de crioulos de base lexical portuguesa. Trata-se da fala de oito informantes que são ou semialfabetizados ou analfabetos, pertencentes às localidades de: Cinzento, Helvécia, Rio de Contas e Sapé. Considerando as relativas restritivas e apositivas, no que se refere à estratégia cortadora, os dados das cartas de inábeis não são muito diferentes do que apresentam os dados orais das comunidades rurais afro-brasileiras isoladas. Ou seja, nos dois *corpora*, foi realizada estratégia de relativização cortadora, porém, no que se refere à *pied piping*, as cartas apresentaram apenas um caso, enquanto os dados orais nenhum. Ribeiro (2009, p. 194) justifica esse resultado a partir de Kroch (2005) e afirma que “a estratégia *pied piping* é um recurso adquirido via escolarização, evidenciando uma situação de bilinguismo”; ou seja, aprender formas linguísticas consideradas ‘certas’, quando se possui outra forma linguística considerada ‘errada’.

Como os inábeis realizaram somente um dado de *pied piping* (em relativas restritivas de ADJ), justifica-se isso, possivelmente, pelo fato de as cartas não possuírem uma linguagem formal, apesar de serem textos escritos. Assim, pode-se dizer que os dois *corpora* são mais convergentes do que divergentes, quanto às análises feitas sobre essas estratégias de relativização. No *corpus* de inábeis, não houve nenhum caso de estratégia com pronome lembrete, diferentemente do que foi encontrado em dados orais dos informantes das comunidades isoladas.

O que se tem observado é que a estratégia de relativização com pronome lembrete é menos frequente no PB, tanto no oral, como no escrito, ou na fala/escrita dos adultos (TARALLO, 1983, 1993, CORRÊA, 1998). Apesar de poucos dados encontrados no *corpus* de inábeis e no *corpus* oral, esses resultados são comuns nas línguas em geral (cf. TARALLO, 1983, 1993, CORRÊA, 1998).

Ribeiro (2009, p.207) afirma, também, que “usos gramaticais de tipos de relativas no PE são agramaticais no PB rural”, ou seja, “relativas *pied piping* estão presentes na fala rural portuguesa, mas totalmente ausentes na fala rural de afrodescendentes”. Com base nessa afirmação e a partir dos dados de inábeis, pode-se dizer que os usos de *pied piping* não são totalmente ausentes no PB, porém há uma diferença quantitativa bastante relevante, se fossem comparados com o uso no PE, conforme Ribeiro (2009).

Por causa dessa disparidade, Ribeiro (2009) justificou o resultado dos inquéritos dos informantes por meio da hipótese da TLI – *transmissão linguística irregular* (LUCCHESI, 2003), no que se refere ao uso das estratégias de relativização. Ou seja, a língua portuguesa no Brasil foi aprendida mediante condições inapropriadas, o que justifica esse distanciamento linguístico entre o PB e o PE.

A partir dessa análise, observou-se que os inábeis possuem, realmente, uma escrita próxima da oralidade, pois possuem as mesmas estratégias de relativização que os informantes realizaram nos dados dos inquéritos.

6.2 Dados das cartas de inábeis x dados das atas de africanos

Os dados das cartas dos inábeis foram comparados aos dados das atas de africanos¹² analisados por Ribeiro & Figueiredo (2009). Foram encontradas as estratégias de relativização dos tipos cortadora e *pied piping* nos dois *corpora*. Enquanto os inábeis realizaram 05 ocorrências de cortadora, os africanos realizaram apenas 01. Quanto às estratégias *pied piping*, os inábeis realizaram apenas 02 ocorrências, e os africanos, 16, conforme mostra a Tabela (6):

Tabela 6 – Estratégia de relativização: inábeis x africanos

| Estratégias de relativização | Inábeis | Africanos (RIBEIRO & FIGUEIREDO, 2009) |
|------------------------------|---------|--|
| | Nº | Nº |
| Cortadora | 06 | 01 |
| <i>Pied piping</i> | 02 | 16 |
| Total | 08 | 17 |

Ribeiro & Figueiredo (2009) não esperavam esse resultado nos dados das atas, tendo em vista que são escritas produzidas entre os dois últimos

12 Seguindo a perspectiva de Tarallo (1983), histórica, e tendo por base um conjunto de 53 atas escritas por seis africanos, entre 1832-1842, Ribeiro & Figueiredo (2009) trazem novos dados sobre a estratégia de relativização em PB. As autoras (2009, p. 224) mostram que, apesar de os africanos terem aprendido o PB como L2, se comparado com a aquisição de estruturas relativas em L1, quase não há diferença, pois “o processo de aquisição de relativas em L2 passa pelos mesmos estágios de aquisição em L1”. Assim, “as estratégias de aquisição de relativas são muito semelhantes, quer em relação a L1, quer em relação a L2” (RIBEIRO & FIGUEIREDO, 2009, p. 238). Embora os africanos produzissem mais *pied piping* do que cortadora, a variante inovadora do PB (1983, 1993, p.88), as autoras acreditam que os dados de fala, em relação aos de escrita, estariam mais próximos do uso real dessa estratégia no PB.

períodos da pesquisa de Tarallo (1983, 1993)¹³, na qual se observam um decréscimo de *pied piping* e um crescimento de cortadora. Já o resultado dos dados dos inábeis aconteceu como esperado, ou seja, a realização de cortadora foi maior do que a de *pied piping* . Isso ocorre, possivelmente, porque a realização de *pied piping* depende de uma escolarização prolongada (CORRÊA, 1998), a qual os inábeis não possuíam. Assim, o resultado dos dados de inábeis, diferentemente dos dados das atas de africanos (RIBEIRO & FIGUEIREDO 2009), assemelha-se com a pesquisa de Tarallo (1983, 1993), uma vez que a realização de cortadora foi maior do que a de *pied piping* .

Ribeiro & Figueiredo (2009) concluíram que as estratégias de relativização cortadora e *pied piping* podem estar ausentes ou presentes em qualquer língua, independente do contexto social e histórico em que a língua foi adquirida, isso pode ser comprovado também nos dados de inábeis. Apesar de os africanos produzirem mais *pied piping* , Ribeiro & Figueiredo (2009) discutem que o uso das estratégias relativas não padrão (cortadora, por exemplo) pode ser mais real na oralidade do que na escrita, em virtude de a fala ser mais espontânea.

Então, nessa análise diacrônica, comparando dados do século XIX com os do século XX, pode-se dizer que a estratégia de relativização *pied piping* está sendo praticada cada vez menos, implicando cenário linguístico com variações no PB, o qual insiste na maior realização da estratégia não padrão, sobretudo da cortadora, conforme apontou Tarallo (1983, 1993), embora não se possa afirmar, neste estudo, que há algum tipo de mudança, uma vez que os dados foram pouco significativos numericamente.

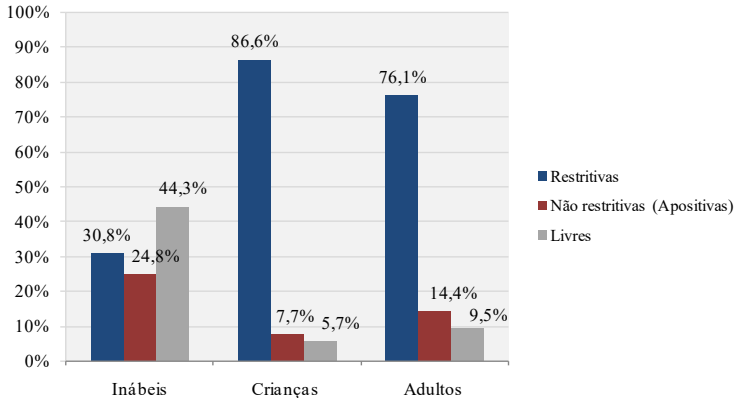
13 Do ponto de vista diacrônico, Tarallo (1983, 1993), a partir de *corpora* compostos por cartas, diários e peças teatrais, entre os séculos XVIII e XIX, analisou as SRel, destacando o problema das estratégias de relativização e observou que, no século XIX, a estratégia cortadora já havia ultrapassado a estratégia do pronome lembrete (ou copiadora, nos termos de Tarallo 1983, 1993), quantitativamente, de modo que a estratégia cortadora passou a competir com a *pied piping* . Ou seja, a estratégia com pronome lembrete se estabiliza e a estratégia cortadora começa a florescer em 1880. Segundo Ribeiro & Figueiredo (2009), a época de escrita das atas (1832-1842) é posterior ao terceiro período considerado por Tarallo (1993).

6.3 Dados das cartas de inábeis x dados de crianças e adultos

Os dados de aquisição L1 são importantes para explicar os resultados dos inábeis, uma vez que esses escreventes, apesar de adultos, estão ‘estacionados’ em uma fase de aquisição de escrita (MARQUILHAS, 2000), cujos textos são muito próximos à oralidade. Também pode esclarecer se determinadas estratégias são provenientes do *input* ou da escolarização, por exemplo.

Nos dados dos inábeis, foram constatadas as mesmas SRel que Lessa de Oliveira (2008) constatou em *corpora* oral de crianças e adultos – as relativas restritivas, apositivas e livres. As relativas livres do *corpus* de inábeis superaram as restritivas e as apositivas¹⁴, como pode ser observado, no Gráfico 1¹⁵:

Gráfico 1 – Sentenças relativas restritivas, apositivas e livres em escrita de inábeis e na fala de crianças e adultos (LESSA DE OLIVEIRA, 2008, p.146)



14 Este resultado só foi possível porque os inábeis produziram bastante relativa livre de adjunto. Caso não fosse contabilizada essa função, as relativas restritivas e apositivas seriam superiores, e consequentemente, estariam mais próximas às relativas dos *corpora* de crianças e adultos (LESSA DE OLIVEIRA, 2008).

15 Os dados de Lessa de Oliveira (2008) são os mesmos, porém a ordem de apresentação foi alterada, a fim de adequar a ordem dos tipos que está nos dados de inábeis.

Nos dados de inábeis, percebe-se que o uso de relativas restritivas é próximo do de relativas apositivas, sendo que a soma de ambas supera a de relativas livres. Já nos dados de Lessa de Oliveira (2008), tanto nos de crianças como nos de adultos, o tipo mais produtivo é a relativa restritiva, os outros dois tipos apresentaram baixíssima produtividade. No entanto, a autora afirma, diante do resultado dos dados de crianças e adultos, que “não pode ser atribuída a alguma dificuldade na aquisição desses dois tipos de relativas; pelo contrário, isto demonstra que a gramática da criança está apenas refletindo o que ocorre na gramática do adulto, desde o início do processo de aquisição de relativas” (LESSA DE OLIVEIRA, 2008, p. 145)¹⁶.

No que se refere à função sintática das SRel, nos dados de inábeis, a função de SU é de maior ocorrência, seguida de ADJ e de OD. Já nos dados de crianças e adultos analisados por Lessa de Oliveira (2008), as SRel com função de SU e OD são as mais realizadas. E, enquanto as crianças estudadas pela autora não realizaram nenhuma relativa com função de OI e GEN, os adultos realizaram, sendo que os inábeis, assim como as crianças, não realizaram nenhuma relativa de GEN. De modo geral, percebe-se que os inábeis, apesar de adultos, realizaram relativas mais próximas às realizadas pelas crianças do que pelos adultos estudados por Lessa de Oliveira (2008). E, apesar de poucos dados, isso pode ser justificado pelo fato de esses escreventes estarem numa fase inicial de aquisição de escrita, além de não serem expostos à escolarização prolongada, uma vez que as relativas *pied piping* só são realizadas pelos usuários da língua a partir dessa imersão escolar (CORRÊA, 1998). Observa-se essa proximidade na Tabela 7, a seguir:

16 Cf. a discussão desses dados sobre a questão da ausência/ presença da estratégia de movimento na gramática infantil, no capítulo IV, seção 2, de LESSA DE OLIVEIRA, 2008, p.142-146.

Tabela 7 – Sentenças relativas restritivas preposicionais: inábeis x crianças e adultos

| Relativas preposicionais restritivas | Inábeis | Crianças (LESSA DE OLIVEIRA, 2008) | Adultos (LESSA DE OLIVEIRA, 2008) |
|---|---------|--|--|
| | Nº | Nº | Nº |
| Resumptivo nulo (cortadora) | 6 | 10 | 27 |
| Resumptivo realizado (com pronomes lembrete) | 0 | 0 | 06 |
| Locativa (com onde) | 0 | 3 | 10 |
| Total | 6 | 13 | 43 |

Então, quanto às estratégias de relativização, Lessa de Oliveira (2008) discute que a criança encontra, de forma generalizada, na fala do adulto, relativas com resumptivo¹⁷ nulo (cortadora). Sendo que essas se alternam de forma bem pouco frequente com resumptivo realizado (com pronomes lembrete). Conforme discutiu Lessa de Oliveira (2008), a frequência dos dados das crianças e dos adultos é semelhante, com predominância da relativa com resumptivo nulo (cf. Tabela 7).

Nos três *corpora* (de inábeis, crianças e adultos), foram observados resumptivos nulos, porém os inábeis não usaram resumptivo realizado, nem locativa com morfema *onde*, em relativa restritiva. Os inábeis usaram o marcador *que* em lugar de *onde* em todos os casos de relativas preposicionais restritivas, isso é observado comumente nos estudos em geral, demonstrando, assim, uma preferência pela estratégia não padrão, conforme o exemplo (19):

(19) eu tenho esti indereço Bom da firma [Ø **que** eu tarbalho] Rua
Camacan nº 2/0 Vila. Anastacio São Paulo So funji. (AFS-13)¹⁸

17 Nos termos de Lessa de Oliveira (2008).

18 O exemplo foi repetido, pois foi feita uma análise diferente.

Quanto às relativas apositivas, os inábeis só as realizaram na forma padrão, conforme ocorreu também nos dados de crianças e adultos de Lessa de Oliveira (2008).

Como os fatores sociais não foram muito significativos para a análise, optou-se em não os discutir, isso porque os dados são poucos e homogêneos, uma vez que os escreventes residem na mesma região e possuem, praticamente, o mesmo nível de escolaridade. Apesar de não ter sido feita a discussão dos fatores sociais, pode-se dizer que a escolarização é muito importante para a realização de SRel com estratégia *pied piping* , conforme discutiu Corrêa (1998).

Por outro lado, independente do grau de escolaridade, as SRel com função de SU e OD são comuns a todos os escreventes das cartas, e isso ocorre porque são SRel que “não precisam ser aprendidas na escola porque têm sempre o mesmo *output* em qualquer nível de escolaridade” (CORRÊA, 1998, p. 80).

De modo geral, os inábeis produziram SRel no corpo do texto e em fórmulas de cartas, como saudação, despedida e citação, sendo que todas as SRel foram contabilizadas neste estudo, exceto as que estavam mal estruturadas¹⁹. Após o levantamento dos dados do *corpus* deste estudo, observou-se que a função de SU foi predominante na fórmula de despedida, conforme o exemplo (20):

(20) aseiteu adeus di seu qumnhado [**que e Gildasio di Oliveira Rios**].
GOR-27)

19 Devido à pouca escolarização dos escreventes do *corpus*, algumas sentenças tiveram uma má construção linguística, como carência de elementos mórficos ligados a essas sentenças, a qual impossibilitou caracterizar o conceito dessas, independente de serem construções próximas de algumas relativas apositivas deste *corpus*. Portanto, não foram contabilizadas, é o caso dos exemplos, abaixo:

i. por fim Adeuzinho de longi que deperto não posso trazer [qui e Mariazinha Caneiro di Oliveira]. (MC-37)

ii. e resebra Lenbran [que e a sua irman Mariazinha Carneiro de Oliveira]. (MC-50)

Ainda que muitos casos de SRel com função de SU tenham sido encontrados em fórmulas prontas, acredita-se que os inábeis não tiveram dificuldades para adquirir esses tipos de SRel. Justifica-se isso por meio do princípio discutido por Corrêa (1998), segundo o qual todos os escreventes possuem o mesmo *output* em qualquer nível de escolaridade, razão pela qual as SRel de SU não precisam de escolarização para serem adquiridas.

Considerações finais

Este estudo foi uma tentativa de contribuir com a descrição da variação linguística das SRel, por meio da análise de dados obtidos de um *corpus* de escreventes inábeis. As conclusões são ainda relativamente superficiais e representam também uma tentativa de responder às questões apresentadas inicialmente.

Após análise, percebeu-se que os dados não apontaram para nenhuma mudança no sistema linguístico do PB, tendo em vista o comportamento das estratégias cortadoras. Além disso, os dados foram pouco significativos numericamente para afirmar se há uma mudança no sistema linguístico do PB.

Os inábeis não realizaram estratégias de relativização dos tipos padrão (*pied piping*) e não padrão (cortadora) em um número elevado; no entanto, constatou-se que a cortadora foi mais realizada que as *pied piping*. O dado em si, apesar de pouco relevante numericamente, deve ser valorizado por possivelmente representar um indício de uma realidade na oralidade. Em todo o *corpus*, observou-se a homogeneidade linguística do fenômeno em questão em todo o século XX, mais especificamente, nas décadas de 50, 60 e 70, uma vez que as cartas pertencem, majoritariamente, a essas décadas.

Quanto aos tipos de SRel, observou uma predominância das relativas restritivas, no que se refere à relativa com núcleo, um fato comum nos estudos sintáticos e nos de aquisição do PB e das línguas em geral. Segundo Lessa de Oliveira (2008), esse resultado pode ser observado na infância, mas também possui a mesma configuração na fala do adulto. Nesse sentido, não se pode

dizer que há algum tipo de dificuldade de aquisição em relação às apositivas e livres, pois “a gramática da criança está apenas refletindo o que ocorre na gramática do adulto, desde o início do processo de aquisição de relativas” (LESSA DE OLIVEIRA, 2008, p.145), ou seja, essa gramática do adulto é o *input* da criança. Deve lembrar-se que, como os inábeis estão limitados em uma fase de aquisição de escrita (MARQUILHAS, 2000), a linguagem é próxima a de uma criança que vivencia tal fase.

No campo das estratégias de relativização, as estratégias cortadoras e *pied piping* não apareceram nas posições mais baixas (OI, OBL e GEN), como discutido por Tarallo (1983, 1993). Os inábeis realizaram estratégias cortadoras apenas em SRel restritivas de ADJ; houve também um caso de *pied piping* nesse tipo de SRel. Já em relativas livres, foi contabilizado um caso de *pied piping* com função de OI.

Quanto às funções sintáticas, as funções de SU e OD são predominantes no *corpus* e, portanto, corroboraram-se a HA de Kennan & Comrie (1977). As sentenças de ADJ ultrapassaram as de OD, sendo que a maioria pertence à relativa livre. Nas funções de OI, OBL e GEN, não foram contabilizadas SRel restritivas e apositivas. Apenas houve uma ocorrência na função de OI em relativa livre. Os inábeis não produziram SRel restritivas padrão e não padrão nas funções de OI, OBL e GEN, porém produziram SRel restritivas de ADJ dos dois tipos (padrão e não padrão). Segundo Corrêa (1998), é comum as funções de ADJ serem realizadas com maior frequência que as de Complemento (OI, OBL e GEN).

No que se refere aos marcadores relativos, o *que* é quase categórico em relativas restritivas e apositivas. Houve apenas um caso com *em que*, e o marcador relativo *o que* apareceu apenas em relativas livres com função de OD. Observou-se um predomínio categórico do marcador relativo *quem* e *como*, *quando* em relativas livres. Houve apenas uma ocorrência com o marcador *quanto*, característico de relativa livre, e não houve nenhum caso de SRel com o marcador *cujos*, *qual* e flexões.

Com relação ao paralelo entre o *corpus* de inábeis com o de aquisição (LESSA DE OLIVEIRA, 2008), no quesito ‘estratégias de relativização em SRel restritivas preposicionais’ de crianças estudadas por Lessa de Oliveira (2008), os inábeis só realizaram cortadora, não realizaram oração com pronome lembrete. Lessa de Oliveira (2008) observou também casos de relativa restritiva preposicional com função locativa não padrão com o marcador *onde*, no caso da ausência da preposição que acompanha o morfema, como *por onde*. Mas, nos dados de inábeis, só apareceram estratégias desse tipo com o marcador *que*, seja na forma não padrão, seja na padrão (com a presença da forma *em + que*).

De modo geral, tanto os dados das crianças estudados por Lessa de Oliveira (2008) quanto os dados de inábeis mostraram que as estratégias cortadoras aparecem mais do que as *pied piping*. Isso porque as estratégias *pied piping* precisam de um ambiente formal para acontecer, já que, até nos dados de adultos analisados por Lessa de Oliveira (2008), ocorreram também pouquíssimos casos. Para essa autora, a baixa ocorrência de *pied piping* está relacionada à dificuldade de operação desse tipo de SRel; já no *corpus* de inábeis analisado, como os dados foram pouco significativos, possivelmente a baixa ocorrência pode estar relacionada à falta de escolarização prolongada (CORRÊA, 1998).

Referências

- COOPER, R. **Quantification and Syntactic Theory**. Dordrecht/Boston/London: D. Reidel Publishing Company, 1983. 217p.
- CORRÊA, V. R. **Oração Relativa: o que se fala e o que se aprende no português do Brasil**. 1998. Tese (Doutorado) – UNICAMP, Campinas, São Paulo.
- DIK, S. **The theory of Functional Grammar**. Editado por K. Hengeveld, Berlin, 1997.

- GIVÓN, T. **Syntax: a functional-typological introduction**. Amsterdam, John Benjamins, 1990.
- KATO, M. A. Recontando a história das relativas em uma perspectiva paramétrica. In: ROBERTS, I.; KATO, M. A. (orgs.) **Português Brasileiro: uma viagem diacrônica**. Homenagem a Fernando Tarallo. 2. ed. Campinas-SP: Unicamp, 1993. 223-261p.
- KATO, M. A.; NUNES, J. A uniform raising analysis for standard and nonstandard relative clauses in Brazilian Portuguese. In: J. Nunes (org.). **Minimalist essays on Brazilian Portuguese syntax**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2009. 93-120p.
- KATO, M. A.; NUNES, J. Uma análise unificada dos três tipos de relativas restritivas do português brasileiro. **Web-Revista SOCIODIALETO: Bach., Linc., Mestrado Letras UEMS/Campo Grande**, v.4, n.12, p. 575-590, mai. 2014.
- KEENAN, E. L.; COMRIE, B. Noun Phrase Accessibility and Universal Grammar. **Language**. Cambridge: v.8. n.1. p. 63-99, 1977.
- KROCH, A. Syntactic change. **If at first you don't succeed: the time course of language acquisition and its implication for language change**, 2005. Ms.
- LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008. [1972].
- LEMLE, M. **Heterogeneidade dialetal: um apelo à pesquisa**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.
- LESSA DE OLIVEIRA, A. S. C. **As sentenças relativas em português brasileiro: aspectos sintáticos e fatos de aquisição**. 2008. Tese (Doutorado) – Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, São Paulo.
- LUCCHESI, D. O conceito de transmissão lingüística irregular e o processo de formação do português do Brasil. In: RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara (Org.). **Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003. p. 272-284.

- MACEDO W. **Gramática da língua portuguesa**. Presença edições, Rio de Janeiro, 1991.
- MARQUILHAS, R. **A faculdade das letras: leitura e escrita em Portugal no séc. XVII**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2000.
- MASCARENHAS, J. de O. C. **Sentenças relativas em cartas de inábeis**. Dissertação de Mestrado. Feira de Santana: UEFS, 2016.
- MATTOS E SILVA, R. V. **Caminhos da Linguística Histórica: ouvir o inaudível**. São Paulo: Parábola, 2008.
- MOLLICA, M. C. **(De) que Falamos?** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.
- MORAES DE CASTILHO, C. M. Primeiras histórias sobre a diacronia do dequeísmo: o clítico locativo em e o dequeísmo em orações relativas no PM. In.: LOBO, T. et al. (orgs.). **Para a história do português brasileiro: novos dados, novas análises**. Salvador: EDUFBA, 2006.
- PERRONI, M. C. As relativas que são fáceis na aquisição do português brasileiro. **DELTA**. São Paulo: v.17, n.1, p. 59-79, 2001.
- RIBEIRO, I. As sentenças relativas. In: LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, I. (Orgs.). **O Português Afro-Brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009. 185-208p.
- RIBEIRO, I.; FIGUEIREDO, M. C. As sentenças relativas em atas escritas por africanos no Brasil oitocentista. In: LOBO, T; OLIVEIRA, K. **África à vista: dez estudos sobre o português escrito por africanos no Brasil do século XIX** [online]. Salvador: EDUFBA, 2009. 208-240p.
- ROBERTS, I. **Verbs and Diachronic Syntax**. Dordrecht, Kluwer, 1993.
- SANTIAGO, H da S.; **Um estudo do português popular brasileiro em cartas pessoais de mãos “cândidas” do sertão baiano**. Dissertação de Mestrado. Feira de Santana: UEFS, 2012.

TARALLO, F. **Relativization Strategies in Brazilian Portuguese**. 1983.
Tese (Doutorado) Universidade da Pensilvânia, Pensilvânia.

TARALLO, F. Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém e d'além mar ao final do século XIX. In: ROBERTS, I.; KATO, M. A. (orgs). **Português Brasileiro**: uma viagem diacrônica. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.